Cultura

Crítica de Performance

Teatro de imagens e utopias

Pleasure Gardens

★★★★☆

De André Guedes
Kunsthalle Lissabon
Avenida da Liberdade, 211, 1.º esq, Lisboa
7 Janeiro, 22h, Lotação Esgotada
Amanhã e dia 21, às 22h e 23h

Pleasure Gardens apresenta-se como "uma reflexão sobre a possibilidade da aplicação das utopias sociais ou políticas a lugares e, neste caso, a uma paisagem não ocidental, exuberante e solar". Não se constitui como peça de teatro mas como um prolongamento, plástico e performativo, do trabalho que André Guedes tem vindo a desenvolver no cruzamento entre as artes visuais, a *land art* e a instalação. E, atento à dimensão social e política do texto – ampliada num quadro de valores como aquele que estamos, hoje, a questionar –, trabalha uma proposta de consciencialização do indivíduo a partir dos seus desejos de vivência em comum.

Já em 2010 André Guedes tinha trabalhado com Miguel Loureiro numa peça, apresentada durante o Alkantara Festival, no Teatro Nacional São João, no Porto, e no teatro A Comuna, em Lisboa, intitulada *Como rebolar alegremente sobre um vazio exterior* e onde, com uma elegância e uma acuidade imbatíveis, reflectiam sobre a falência do projecto social colectivo, focando-se nas contradições verificadas com os diferentes objectivos tidos pelos protagonistas da Revolução Francesa.

DR

Eduardo Breda e Patrícia Andrade

Então, como agora, os textos eram justapostos e trabalhados com vista a que, num diálogo interno criado pelo espectador, se revelassem essas mesmas contradições e se sublinhassem as alternativas que, a partir daí, se criavam. Mais do que uma espúria recontextualização, o desígnio dramatúrgico não se sustentava em qualquer leitura maniqueísta, mas antes numa explanação das intenções de cada um dos segmentos seleccionados.

Agora, ao reunir textos de autores tão diversos como William Morris (entre eles *How we live and how we might live*, 1884), Paul Gaugin (*Voyage de Tahiti*, 1901), Oscar Wilde (entre eles um excerto do belíssimo *The Soul of Man under Socialism*, 1981) e da extraordinária figura, e mito revolucionário, Louise Michel, André Guedes faz incidir a sua preocupação – também plástica – no potencial imaginativo dos próprios textos e nos desenhos por eles sugeridos quanto à configuração e materialização dessas utopias.

Mas, em todos estes textos, paira – impressão eventualmente sugerida pela gravidade da elocução – uma consciência de que a utopia projectada nesses novos paraísos resulta de insuficiências identificadas na Europa. E que, sem essas insuficiências, a utopia nunca poderá ser atingida. É como se André Guedes procurasse, entre a solenidade dos corpos e o desejo de evasão dos textos, o momento em que é perceptível que a utopia não pode ser alcançada.

A estratégia de resistência a que os corpos obedecem, marcados pela percussão vinda dos camelões de Java (interpretação de Elisabeth Davies, Jorge Mendonça Oliveira e Nuno Morão) e pelo jogo de luzes e reflexos que o próprio André Guedes vai construindo ao longo da breve apresentação, sugerem um conjunto de matizes e ambiguidades irremediavelmente incompletas. Diz o autor, em entrevista no programa, que quis "estabelecer certas *nuances* que fogem à ilustração das ideias" e que "é fundamental que a construção da cena se consubstancie em algo mais do que isso, ampliando o texto e deslocando-o para além das fontes". É nesse frágil equilíbrio que a peça se relaciona historicamente com as peças em acto único, comuns nas fábricas inglesas no fim do século XIX, que funcionavam como momentos de discussão, quando não mesmo de educação política e social. Assim, este conjunto de quadros não se constitui, propriamente, como uma peça teatral, mas é evidente que a ambição espacial, dramatúrgica e figurativa constituem-se enquanto elementos indutores de um espectáculo.

E, por isso, os actores (Patrícia Andrade e Eduardo Breda) tornam-se, ao mesmo tempo, portadores e veículo de ideias, num registo interpretativo que sugere o abandono do corpo físico e a contemplação de um corpo imaterial, que possa ser, ao mesmo tempo, o renovar das forças na senda pela utopia e a preparação para um futuro pós-utópico.

Tiago Bartolomeu Costa

Pintor viveu em Borinage, na Bélgica, como missionário

Casa de Van Gogh vai ser recuperada e aberta ao público

Cláudia Carvalho

● A casa onde Vincent van Gogh viveu durante uns tempos, quando se decidiu dedicar à religião, em Borinage, na Bélgica, está ao abandono e corre o risco de ruir. As autoridades belgas procuram agora uma forma de reabilitar o edifício, pretendendo restaurar a casa e abri-la ao público.

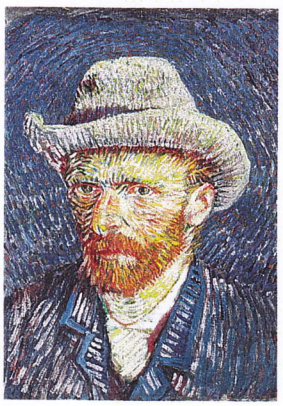
Quando tinha apenas 25 anos, em 1878, Van Gogh, desiludido com a vida que levava, decidiu dedicar-se à religião e entrou numa escola de missionários perto de Bruxelas, tendo sido enviado em missão para Borinage, uma cidade no Sul da Bélgica, maioritariamente habitada por uma comunidade pobre de mineiros. Durante esta sua estadia viveu em casa de um agricultor, Jean-Baptiste Denis. Hoje, a habitação está abandonada.

Era uma casa modesta na Rue du Petit-Wasmes, agora 221 Rue Wilson, e há anos que está fechada, tendo já perdido parte do telhado. De Van Gogh apenas existe uma placa a lembrar que ali viveu, um dia, o mestre da pintura.

É com a vontade de recuperar esta lembrança que a Câmara de Colfontaine abriu um processo legal para poder comprar a casa, sem que para isso seja necessária a intervenção do seu proprietário, que se desconhece. O argumento para a sua aquisição é que a casa está ao abandono. O processo em tribunal deverá levar seis meses a ser resolvido, caso o proprietário não recorra da decisão.

Depois da compra do edifício, a autarquia começará imediatamente as obras de recuperação e renovação do espaço, estando planeado que a casa abra portas ao público em 2015, ano em que a cidade vizinha de Mons será Capital Europeia da Cultura. A ideia é aproveitar o movimento que aquela cidade terá e os turistas que receberá.

Quando ali viveu, Van Gogh já pintava e desenhava, mas apenas existem seis desenhos de Borinage. A maior parte dos seus trabalhos,



incluindo pinturas da família com quem viveu nesta casa, acabaram por se perder no tempo, existindo poucos registos desta fase da vida do pintor, que chegou a escrever ao seu irmão Theo a contar uma visita a uma mina. "Esta tem um nome mau, porque já muitos morreram aqui. É um sítio sombrio e à primeira vista tem algo de triste e mortal", escreveu.

Dois anos após chegar a Borinage, Vincent Van Gogh abandonou a cidade e viajou para Bruxelas, desistindo da vida de evangelista para pegar no lápis e se dedicar por inteiro à arte.

Aos 37 anos, Van Gogh morreu em Auvers-sur-Oise, França, a 29 de Julho de 1890.